

O Peso da nossa História¹

Jean-Luc Nancy

Tradução de Fernanda Bernardo

Preferiríamos calar-nos. Diante do horror e da emoção. Diante dos efeitos da proximidade – porque, o que se passou em Paris, há muito que não cessou de passar-se em Bombaim, Beirute, Cabul, Bagdad, Nova Iorque, Madrid, Casablanca, Argel, Amã, Carachi, Tunes, Mossul, etc. etc. Diante da miséria das nossas indignações (justificadas mas vazias) ou dos nossos protestos (“dever-se-ia...”, “não há senão que...”) – e do chumbo das perspectivas (controle, riposta...).

Preferiríamos calar-nos também por causa da agudíssima consciência que nos oprime a partir do momento em que representamos a inextrincável complexidade das géneses, das causas, dos encadeamentos de processos manifestamente emaranhados e envoltos numa conjuntura mundial de grandes confrontações económicas e geopolíticas. Também no plano do pensamento a hora não é para os “não há senão que...”.

É, no entanto, preciso tentar falar, pelas mesmas razões. Não somente porque a emoção a tal apela, mas também e sobretudo porque a potência desta emoção se deve a outra coisa que não à amplitude dos atentados. Esta última não é menos notável – toda esta coordenação, esta escolha do tempo e dos lugares, dizem muito sobre o trabalho prévio – mas há mais nela: há a amplitude de uma longa sequência começada há uns 25 anos (para permanecer nos limites da percepção imediata) na Argélia dos anos 1990 com a fundação do G.I.A.². Vinte cinco anos, uma geração, não é somente um cálculo simbólico. Significa que um processo se desenrola, que uma maturação tem lugar, que uma experiência se caracteriza. Contornos, tonalidades, disposições instalaram-se; nada de fixo nem de definitivo, claro, nada sobre o que se feche uma tampa de história do género do “século”, mas, ainda assim, uma configuração ou, pelo menos, a forma de uma viragem, a energia de uma inflexão, até mesmo de uma impulsão.

¹ [N.T.] Texto publicado no dia 20 de Novembro no jornal francês *L'Humanité*. Agradeço, profundamente reconhecida, a Jean-Luc Nancy a autorização da sua tradução em língua portuguesa.

² [N.T.] Sigla de *Grupo Islâmico Armado*.

A força que atingiu a noite de 13 de Novembro de 2015 em Paris releva desta energia. É também a razão pela qual ela parece comprometer a perspectiva, quer de uma viragem decisiva, quer do alvor de uma nova geração: 25 anos diante de nós para alcançar um outro patamar ou passar um outro limiar. Muitos dos metralhados desta selvajaria quase não ultrapassaram os 25 anos; entram mortos ou feridos nesta obscuridade ameaçadora.

A força em questão mergulhou, quanto ao que essencialmente a constitui, algures que não nos recursos daquilo a que se chama “fundamentalismo” ou “fanatismo”. Sem dúvida, o fundamentalismo activo, vingativo e agressivo – seja ele islâmico (sunita ou xiita), católico, protestante, ortodoxo, judeu, hinduísta (até mesmo excepcionalmente budista) – caracteriza, numa parte não negligenciável, os últimos 25 anos. Mas como não salientar que ele terá respondido ao que pode designar-se como o fundamentalismo económico inaugurado com o fim da partilha bipolar e a extensão de uma “globalização” já encetada e designada quase duas gerações mais cedo (a “*global village*” de Mac Luhan data de 1967)? Como não realçar também o apressamento em apagar as experiências totalitárias, como se a simples democracia representativa acompanhada pelo progresso técnico e social respondesse perfeitamente às inquietudes há muito levantadas pelo niilismo moderno e pelo “mal-estar na civilização” de que Freud falava em 1930?

O fundamentalismo liberal afirma o carácter fundamental de uma lei supostamente natural de produção competitiva ilimitada, de expansão técnica não menos ilimitada e, sobretudo, de redução tendencialmente ilimitada de qualquer outra espécie de direito – do direito político em primeiro lugar, sobretudo se este último pretende regulamentar a lei natural de acordo com as exigências particulares de um país, de um povo e de uma forma de existência comum. O Estado dito “de direito” representa de maneira paradoxal a forma, ao mesmo tempo necessária e tendencialmente exangue, de uma política privada de horizonte e de consistência. O nosso humanismo produtivista e naturalista dissolve-se a si mesmo e abre a porta aos demónios inumanos, sobre-humanos, demasiado humanos...

O fundamentalismo religioso pode limitar-se à observância de uma doutrina e de um rito imutáveis, sem interferências com o contexto sociopolítico. Quando quer ser activo neste contexto, apresenta uma dupla postulação: por um lado, trata-se de encontrar a força de um fundamento místico, por outro, trata-se de permitir a esta força coabitar com os interesses técnicos e económicos a fim de entrar nas suas relações de poder. O sintoma mais eloquente deste empreendimento é a adaptação do funcionamento bancário à lei islâmica – e reciprocamente. Um outro sintoma é a guerra das religiões: a revolução iraniana de

1979, ao mesmo tempo que marcou o despertar de um islão político, trouxe também para este terreno a maior divisão interna ao islão. Como as da antiga Europa, as guerras de religião respondem a confrontações sociais e políticas. Poder-se-ia dizer, simplificando, que os actuais conflitos no Médio-Oriente – para além do ligado a Israel – provêm do falhanço ou do desvio das tentativas supostamente progressistas da revolução pós-colonial (Egipto, Síria, Iraque, Argélia).

A uma pós-colonização ora entravada ora desviada tanto pelos interesses dos ex-colonizadores como pelas relações de força entre ex-colonizados juntou-se uma situação económica perturbada pela acrescida demanda energética e pela transformação do sistema monetário e financeiro. Por outras palavras, de há duas ou três gerações para cá a configuração mundial está apostada numa transformação maior, de que as perturbações do espaço mediterrâneo e europeu não são senão um dos aspectos – situando-se os outros nas transformações do Oriente e da América latina. De igual modo, hoje em dia o fanatismo também logra recrutar fora do mundo que, demasiado simplesmente, delimitamos como “arábio-muçulmano”.

Quanto ao mundo muçulmano mediterrânico, e também aqui ao preço de uma simplificação, é preciso reconhecer que a oposição entre xiismo e sunismo (que recorta também a diferença entre cultura persa e cultura árabe) se traduz por uma diferença importante na maneira de configurar o laço entre religião e sociedade. O modelo de uma impregnação religiosa integral da existência, da cultura e do direito, que reivindica o fundamentalismo sunita, permanece em parte estranho ao espírito messiânico do xiismo (diga-se isto sem esquecer o comportamento efectivo do Estado iraniano). O que não deixa de ter consequências nas relações com os países europeus e americanos.

Estas quantas lembranças, excessivamente esquemáticas, apenas para evocar o peso considerável dos dados que uma reflexão lúcida deve perspectivar. Porque este peso é precisamente o que possibilita o desencadear de fanatismos tão violentos e boçais quanto os que vemos. É quando um mundo se desfaz que loucuras se exacerbam. É nas mutações que surgem possibilidades letais. A Inquisição espanhola ou os fanatismos da época da Reforma, como muitos outros (a começar pelos do ou dos cristianismos primitivos³) estão, sem dúvida, sempre correlacionados com situações críticas, seja no plano social ou no plano existencial.

³ [N. T.] Jean-Luc Nancy é o autor de *La Déclosion (Déconstruction du Christianisme, I)*, (Paris: Galilée, 2005) – trad. portuguesa no prelo – e de *L'Adoration (Déconstruction du Christianisme, 2)*, (Paris : Galilée, 2010) – trad. portuguesa Fernanda Bernardo, *A Adoração (Desconstrução do Cristianismo, 2)*, (Coimbra : Palimage, 2014).

Esta gravidade e esta exasperação renovadas não favorecem seguramente as vias de uma resolução. Pelo menos, podemos e devemos saber que não estamos simplesmente diante do desencadeamento súbito de uma barbárie caída não se sabe de que céu. Estamos diante de um estado da história, da nossa história – a deste “Ocidente” volvido a máquina mundial enlouquecida por si mesma.

Seria demasiado fácil condenar esta história, tanto quanto querer justificá-la. Mas não podemos não nos perguntar se é possível fazê-la sair do seu próprio impasse – seja ele niilista, capitalista, islamista ou tudo ao mesmo tempo.

Falando da tomada de Roma por Alarico, Santo Agostinho, em Hipona onde afluíam os refugiados romanos, declarava: “da carne oprimida deve brotar espírito”. Onde encontrar hoje o espírito?